

VULNERABILIDADE PSICOLÓGICA EM TEMPOS TECNOLÓGICOS E LÍQUIDOS¹

Psychological Vulnerability in Technological and Liquid Times

Thelma Pontes Borges²

Miguel Pacífico Filho³

RESUMO: A contemporaneidade é marcada por relações mediadas por redes sociais e por formas cada vez mais impessoais que se caracterizam pela efemeridade dos vínculos, gerando novas possibilidades sobre o seu entendimento. Dessa maneira, tem-se por objetivo estabelecer um debate teórico acerca da vulnerabilidade psicológica em decorrência de características da contemporaneidade, descrita como sociedade líquida de Bauman e sociedade do tédio de La Taille. Para tanto, faz-se uma revisão desses autores e do desenvolvimento psicológico, a fim de sustentar que a vulnerabilidade psicológica, considerada como risco à constituição da identidade, afeta a todos como consequência dos modos de viver e de estabelecer relações sociais, com repercussões que vão desde fragilidade na constituição psicológica a um desinvestimento afetivo no mundo. Demonstra-se que a contemporaneidade, com suas prerrogativas, facilita o aparecimento de um mal-estar que se revela no aumento da violência e das patologias e que a saída se encontra nas possibilidades educativas que promovem o desenvolvimento de valores, cognição e ética.

Palavras-chave: Vulnerabilidade. Tecnologia. Contemporaneidade. Psicologia

ABSTRACT: The contemporaneity is marked by relations mediated by social networks and increasingly impersonal forms that are characterized by the ephemerality of the bonds, generating new possibilities about their understanding. In this way, the objective is to establish a theoretical debate about the psychological vulnerability due to characteristics of contemporaneity, described as liquid society (Bauman, 2001) and society of boredom (La Taille, 2009). Therefore, a review of these authors and psychological development (Piaget, 1932) is carried out in order to maintain that psychological vulnerability, considered as a risk to the constitution of identity, affects all, as a result of the ways of living and establishing social relations, with repercussions ranging from fragility in the psychological constitution to an affective disinvestment in the world. It demonstrates that contemporaneity, with its prerogatives, facilitates the appearance of a malaise that is revealed in the

¹ Versão ampliada do original apresentado no II SIALAT – Seminário Internacional América Latina: políticas e conflitos contemporâneos. Belém, UFPA, 2017.

² Docente do Mestrado em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais e do curso de Letras da Universidade Federal do Norte do Tocantins. Doutora em Psicologia pela USP. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-6073-8937>. E-mail: thelmapontes@uft.edu.br.

³ Docente do Mestrado em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais e do curso de Geografia da Universidade Federal do Norte do Tocantins. Doutor e Mestre em História pela UNESP. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-0316-2326>. E-mail: miguilim@uft.edu.br.



increase of violence and pathologies and that the way out lies in the educational possibilities that promote the development of values, cognition and ethics.

Keywords: Vulnerability. Technology. Contemporaneity. Psychology.

1. INTRODUÇÃO

O presente texto tem por objetivo discutir como uma sociedade liquefeita, com relações sociais efêmeras, velocidade de informações, entre outras características, dificulta uma estruturação psíquica sólida e ética, produzindo sintomas psicossociais severos. Os aspectos da contemporaneidade são marcados sobremaneira pelo uso indiscriminado das tecnologias, tais como celulares e tablets, e pela crença de que essas facilitarão o cotidiano em razão de ocasionar acesso fácil às informações e da hiperconectividade, podendo provocar a sensação de pertencimento aos grupos, ignorando-se que, por esses meios, também se criam isolamentos sociais. O trabalho foi desenvolvido por meio de revisão bibliográfica, centrado nos estudos de Bauman, Piaget e La Taille, a fim de compreender as dinâmicas envolvidas e as possibilidades de interferências na questão psicológica.

O artigo está dividido em quatro partes: Na primeira parte, desenvolve-se uma discussão acerca da contemporaneidade e de como o uso de tecnologias, sobretudo aparelhos celulares, contribui para a sua formatação e as consequências para as relações humanas e sociais. Na segunda parte, apresenta-se como se processam o desenvolvimento da moralidade humana e a intersecção dessa com o ambiente social, demonstrando que os fatores típicos da contemporaneidade interferem na apuração psicológica moral. Num terceiro momento, aborda-se a questão da vulnerabilidade psicológica, que, ocasionada pela inter-relação entre o social e o psíquico, produz diversos sintomas sociais, tais como aumento da depressão, suicídio e violência. Nas considerações finais, discutem-se alternativas para a superação dessa vulnerabilidade psicológica, com vistas a melhorias nos processos educativos e na constituição de espaços coletivos de política – a ágora.

2. CONTEMPORANEIDADE E TECNOLOGIAS

2.1 Tecnologias e seus conceitos

O termo tecnologia, através da história, tem se referido à constituição, por parte da humanidade, de elementos ou de instrumentos capazes de auxiliar de alguma maneira a vida, otimizando produtos ou o tempo, que se complexificaram ao longo do desenvolvimento humano e das necessidades da sociedade. Nesse sentido, a pedra talhada, a linguagem, a escrita, o domínio do fogo, entre outros, são considerados tecnologias importantes para a humanidade, assim como a produção de artefatos diversos que facilitam os modos de ser e de viver (CARDOSO, 2001). “Essa fabricação dos primeiros instrumentos de pedra lascada já correspondia a um saber-fazer: uma tecnologia, que desenvolvida pelos nossos antepassados, fez surgir uma verdadeira indústria das lâminas” (VERASZTO et al., 2008, p. 64).

Conforme Veraszto et al. (2008), o termo “tecnologia” tem significados diferentes na extensão histórica, o que pode produzir algumas imprecisões. Os autores argumentam que a técnica se confunde com a tecnologia, sendo que num primeiro momento a técnica se relaciona com o fazer sem muita reflexão, apenas com o objetivo claro e prático de facilitar e modificar a realidade. A introdução do sufixo *logia* na palavra técnica introduz a razão, constituindo o estudo da técnica. E a tecnologia, assim, aparece relacionada à ciência ou como resultado ou como fomento do debate científico.

O domínio da natureza pelo homem, como o controle do frio pelo fogo e/ou o uso de peles, o cozimento do alimento e a possibilidade de se comunicar foram sendo desenvolvidos e facilitaram a existência humana. Esses aspectos demonstram que as tecnologias existiam muito antes de teorias e métodos da ciência (VERASZTO, 2004) que desde os primórdios auxiliavam a vida. Esse autor ainda alerta para os diversos mitos relacionados às tecnologias, que vão desde acreditar que a tecnologia é resultado direto e exclusivo da ciência, tão somente resultado prático, a considerá-la apenas uma técnica, ou ainda que tecnologia e ciências são sinônimas.

Diante das diversas possibilidades de interpretação e de compreensão, cabe ressaltar que desenvolver tecnologias envolve fazer política e seus usos. A ciência e a tecnologia não são neutras e podem ser utilizadas para produzir privilégios e/ou exclusões sociais, como alertam Veraszto et al. (2008) no exemplo sobre as pontes de Long Island, em Nova York, que foram construídas apenas com três metros de altura, para que os ônibus não conseguissem chegar à praia levando pobres e negros.

Assim, verifica-se a necessidade de definir o termo tecnologia e compreender seus possíveis usos. Vale lembrar que a tecnologia, para além das mudanças históricas, é uma conceituação

complexa que envolve muito mais que sua aplicabilidade, sendo necessário pensar em suas implicações sociopolíticas. A tecnologia torna-se eficaz à medida que atende às necessidades e às funcionalidades de um grupo e de produção, além de atender às demandas e às mudanças sociais. Dessa forma, ela está inexoravelmente relacionada à sociedade e não deve ser vista como um elemento à parte.

Pensa-se que tecnologia designa aspectos que envolvem ciências, modos de fazer, política, cultura, entre outros, não se reduzindo a artefatos comercializáveis e interferindo nas relações humanas. Para Silva (2002), tecnologia inclui atividades-meio, como nos processos educacionais, informáticos e organizacionais, e como atividade-fim produzindo produtos e artefatos. Apesar de se avaliar o progresso de uma sociedade a partir de sua capacidade tecnológica, é necessário pensar também nos riscos dos usos indiscriminados das tecnologias por grupos restritos em nome do capital e da acumulação.

Autores como Silveira e Bazzo (2005) alertam que, nos últimos tempos, a tecnologia vem servindo a grupos e a governos para fortalecer uma parcela pequena da sociedade, aumentando, assim, as desigualdades sociais. Ciência e tecnologia, por interesses econômicos e políticos, distanciaram-se das questões sociais e produziram elementos para consumo, e não para a boa vida. Dagnino (2010) também apresenta essa discussão, mostrando que ciência e tecnologia estão a serviço de minorias que enriquecem cada vez mais. Segundo o autor, 70% do gasto mundial com pesquisa é empresarial e somente 30% é proveniente de recursos públicos. Dagnino (2010) aponta que a tecnologia não é para a cidadania, é para atender justamente ao público que financiou a pesquisa com a exploração da maioria. Para o autor, a ciência serve, sobretudo, à produção de mais-valia.

Cabe ressaltar que o debate acerca de ciência e de tecnologia deve ser travado pela nação, a fim de delimitar parâmetros para o país, contudo parece que, no senso comum, esses termos se igualam aos *gadgets* vendidos atualmente e massivamente utilizados pela população. É essa “tecnologia” de massa e de uso popularizado que o presente trabalho aborda; discute como essa vem alterando os modos de vida no cotidiano, produzindo vulnerabilidades. Novaes e Dagnino (2004) alertam para o fato de que a tecnologia reproduz estruturas sociais construídas historicamente que ratificam o lugar da classe dominante, estabelecendo padrões e rotinas hegemônicas.

Como apontam Bernardes e Guareschi (2007), o uso das tecnologias na contemporaneidade se configura como condição de existência e é resultado de biopoder exercido sobre os corpos de forma a integrá-los ao sistema de riqueza do país. Tal poder é disseminado pela grande mídia, que se torna responsável por dizer o que são e como se devem consumir as tecnologias. Essas autoras usam o termo biotecnologia justamente para se referir a essa tecnologia que molda e dociliza os corpos a favor de uma estrutura social estratificada, em outros termos, tecnologias de si, fazendo com que a própria pessoa passe a ser objeto de seu modo de ser.

Bernardes e Guareschi (2007) são bastante enfáticas em seu artigo ao demonstrar como as características da contemporaneidade, o controle dos corpos pela mídia e o poder de grupos econômicos específicos produzem alterações na subjetividade humana, constituindo novas formas de existência. Será a extraterritorialidade das comunicações e a fluidez, típicas de relações em ambientes virtuais, que para Bauman (2014) promoverá a fragilidade vincular. Lima Filho e Queluz (2005) também apontam que a sociabilidade está submetida à questão tecnológica, seja essa entendida como reprodutora de desigualdades ou ratificadora de poder

2.2 Vida pequena e vida líquida

Juventude sem rumo, aumento da violência contra jovens, mulheres e homossexuais, trabalho análogo à escravidão, entre tantos outros problemas, indicam que se vive uma crise social. A sociedade brasileira parece ter perdido a solidez. Oliven (2001) aponta a contradição brasileira perante a crescente modernidade tecnológica e a profunda desigualdade social; Retondar (2008) demonstra como o contexto social de consumo altera as subjetividades sociais. Essas características permitem que se façam incursões nas discussões propostas por Bauman (2001) sobre as alterações de uma sociedade sólida para uma sociedade líquida.

A categorização de líquido é, em contraponto àquilo que é sólido, e auxilia na compreensão dos aspectos da contemporaneidade e das modificações que essa sofreu nos últimos tempos. Sólido é aquilo que tem consistência e não é oco; uma sociedade sólida pode ser compreendida como algo estruturado, que não se desmantela facilmente, cujos aspectos sociais, de valores morais e humanos, não se dissolvem nem se modificam naturalmente. Por outro lado, líquido tem fluidez, se move, é volátil. Essa metáfora permite descrever as dinâmicas sociais típicas do momento presente. A sociedade líquida, que se estabeleceu nas últimas décadas como resultado de inúmeros fatores,

como a globalização, o encurtamento das distâncias, a rapidez das informações, o consumismo e o capitalismo que opera em escala global sem qualquer regulamentação por parte de Estados cada vez mais fragilizados, vem provocando alterações profundas na maneira como a sociedade constrói laços sociais e afetivos (BAUMAN, 2000, 2014).

Uma sociedade que vive em função da manutenção do *status quo* da economia global e somente incentiva a cidadania por meio do consumismo fortalece o culto aos objetos de valor social, que passam a ser a única forma de estar e permanecer no mundo.

Paralelo a essas características, tem-se no Brasil uma densidade de 112,68 celulares para cada 100 habitantes, num total de 235,8 milhões de aparelhos vendidos até março de 2018 (AGÊNCIA NACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES, 2018), ou seja: existem mais aparelhos celulares que habitantes no país. Conforme destacado por Oliveira (2018) em matéria publicada pelo jornal Folha de São Paulo, os brasileiros estão entre os maiores adeptos das redes sociais, como *WhatsApp*, *Instagram* e *Facebook*, novos meios de comunicação mediados por *gadgets*.

La Taille (2009) apresenta que um dos aspectos da sociedade do tédio é justamente o consumismo desenfreado e a possibilidade de preencher os vazios existenciais, a significação e a vida por meio da compra de objetos que se conectam com o mundo e oferecem temporariamente a impressão de preenchimento do tempo. Essa característica do tédio vem acompanhada da falta de projetos de futuro ou de objetivos reais para a própria existência, dando a sensação de uma vida desprovida de sentido e, por isso mesmo, cheia de tristezas e vazios.

Para D'Aurea-Tardelli (2009, p. 81), a sociedade atual procura a felicidade no desfrute de bens de consumo: “É um estilo de vida ancorado no trinômio ter-produzir-consumir que se caracteriza pela ‘tirania do possuir coisas’ e pela ideia de que é preciso ganhar a qualquer preço [...]”, mesmo que para isso seja necessário impor mais individualidade e violência. O isolamento social propiciado pelo distanciamento provocado pelas redes sociais, a fragilidade daquilo que é público ou privado, acaba por aniquilar ou por não compor as características de alicerçamento de uma estruturação psíquica sólida e ética, fragilizando o próprio sujeito e sua capacidade de ver e de pensar o mundo, bem como de se relacionar e de constituir núcleos mais permanentes de pertencimento social.

As políticas públicas fomentam, segundo Bauman (2000), a busca pelas liberdades individuais via produtos que geram cada vez mais a autonomia humana, ocasionando a sensação temporária de bem-estar e sucesso. A liberdade individual vem destruindo aos poucos a potência da coletividade. Assim, o espaço público e o privado ficam desconectados, impossibilitando que as

questões públicas reflitam as angústias individuais e impedindo de dizer o que é coletivo na individualidade. Cabe ressaltar que, durante a pandemia a comunicação *online* se mostrou essencial para o trabalho, os estudos, as relações familiares etc., contudo, não conseguiu produzir novas socialidades e nem diminuir o isolamento subjetivo; o que se percebeu foi o aumento de patologias, violências doméstica e abuso de álcool, drogas e alimentos (BIRMAN, 2020).

As redes sociais, como o *Facebook*, o *Instagram* ou o *WhatsApp*, provocam a ilusão temporária de participação, mas que logo se desfaz pela falta de sentido. Mesmo os encontros amorosos são tratados no âmbito da relação comprador-mercadoria, escolhendo os parceiros a partir de atributos selecionáveis, por exemplo, em aplicativos de relacionamentos, personificando o que Bauman (2004) chama de amor líquido, fugazes, inconstantes e, sempre na expectativa, de um outro melhor e que se adeque ao narcisismo de cada um.

O excesso de informação, sem contexto e sem produção de conhecimento, aliado a falta de projeto de futuro e a transformação do cidadão em consumidor funciona como matéria prima para o tédio. A cultura do tédio gera deprimidos, infelizes e, conseqüentemente, a impossibilidade de qualquer forma de ética. Os dados da Organização Mundial de Saúde (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2017) revelam que, entre 2005 e 2015, houve um aumento de 18% nos casos de depressão no mundo. O Brasil tem onze milhões e meio de pessoas com depressão e mais de dezoito milhões de pessoas com distúrbios relacionados à ansiedade.

A fragmentação, para La Taille (2009), é a descrição posta da contemporaneidade. Os espaços não se conectam nem se cruzam, são vivências isoladas, passa-se a vida de um lugar a outro, não como num *continuum*. Da mesma forma, o tempo aparece por fragmentos, as férias como suspensão do trabalho, o fim de semana também. Suspende-se o tempo, ele não se relaciona. “Tal fragmentação do tempo, do espaço, e também das relações humanas, do conhecimento, da afetividade etc., é típica da contemporaneidade” (LA TAILLE, 2009, p. 28), correlacionando-se com patologias emocionais, como a depressão, a ansiedade, o narcisismo etc.

Outro aspecto importante apontado por La Taille (2009) e Bauman (1998, 2001) é o da urgência. La Taille (2009) entende a urgência como aquilo que toma o lugar do importante, ou seja, o que tem importância na vida deve servir para definir prioridades, mas o urgente é aquilo que aparece de repente e modifica a escolha das prioridades, provocando um desenraizamento social e temporal. A urgência e a fragmentação provocam a falta de referência ao passado e ao futuro.

A sociedade fragmentada, que não é mais o que era nem consegue vislumbrar o que será, é tratada por Bauman (2016) como um *interregno*, período entre momentos distintos em que ninguém sabe o que acontecerá, muito menos o que se é. Uma sociedade fragmentada e ociosa, sem sentido e sem valores, sem referência ao passado e ao futuro, com isso sem projetos de vida, sem ideologias, sem criações, impõe as pessoas com uma identidade *palimpsesto* (BAUMAN, 1998). Ou seja, uma identidade em que as vivências são sobrepostas umas às outras, não criando uma unidade, mas substituindo as anteriores.

Dessa maneira, não se forma mais conhecimento, apenas opinião pública pela via dos fragmentos que percorrem listas de grupos de *WhatsApp*, em modo de brincadeiras, trocadilhos e comentários. A opinião e o discurso público se esfacelam na rapidez e na quantidade de informações virtuais. As manifestações se acumulam nas mensagens transmitidas e monologadas de pessoa a pessoa, e se é que tinham sentidos e razões, se perdem também no emaranhado de informações circulantes.

Evidente que, diante desse cenário, as relações humanas também se fragmentam. Não existem mais relações de qualidade, mas quantidades expostas por números nas redes sociais, o que permite visualizar o grau de socialidade do indivíduo. Assim, uma sociedade do tédio, com suas mazelas existenciais, fraturas no tempo e excesso de consumo, constrói alterações nas formas de ser, de se ver e de viver, que são as estratégias de produção de si e das biotecnologias citadas por Bernardes e Guareschi (2007).

As identidades individuais, de grupo, profissionais ou religiosas estão em pleno processo de colapso, indo também do perene ao transitório, do forte ao fraco, denunciando as consequências no campo subjetivo dos atores sociais na contemporaneidade (BAUMAN, 2005). Esses elementos, que compõem o momento juntamente com a produção de si pelas biotecnologias, fragilizam as possibilidades de constituição de uma identidade cujos aspectos morais foram incorporados ao desenvolvimento, produzindo o que se chama de personalidade ética (TOGNETTA, 2009).

3. Desenvolvimento psicológico moral

Jean Piaget (1896-1980), conhecido pelas pesquisas acerca do desenvolvimento cognitivo do ser humano demonstrou em seu trabalho a gênese da inteligência e aplicou a mesma lógica para demonstrar como a moralidade se processa enquanto fator a ser desenvolvido ao longo da vida.

Escreveu o livro *O juízo moral na criança* (1932/1994), sua obra revelou-se um marco não somente pelas ideias inovadoras, como também por possibilitar uma articulação entre os planos cognitivo, afetivo e moral. Freitas (2003, p. 21) faz uma análise da obra piagetiana, mais especificamente do trabalho sobre moralidade, e conclui “[...] que seu projeto relativo à moral é inseparável de sua teoria do conhecimento”. Piaget (1966/1993) tem como objetivo principal em sua epistemologia genética decifrar como o ser humano desenvolve a cognição a partir de seu nascimento e, para isso, compreende o ser humano como um ser biológico e complexo que se adapta ao meio como forma de sobreviver. O desenvolvimento da cognição, assim, faz parte dos inúmeros processos adaptativos solicitados pelo social. Tal adaptação permite a constituição de estruturas, que não são inatas, porém são geneticamente possibilitadas e se deflagram na interação com o ambiente.

Em suas pesquisas com jogos de regras e com deveres morais, Piaget constitui a noção de duas morais: moral por heteronomia e moral por autonomia, precedidas, no entanto, por outro momento, caracterizado pela anomia, em que as regras ainda não se estabeleceram. Essas duas morais - heteronomia e autonomia - se fazem importantes, uma vez que a sociedade líquida aponta para um fortalecimento cada vez maior da heteronomia moral, ficando de fora processos que permitem compreender o outro numa relação recíproca que aloje o bem coletivo à frente do individual. Conhecer, portanto, os mecanismos psicológicos subjacentes à heteronomia é verificar os quanto complexos são o momento atual e as chances de superá-lo.

A anomia é o momento em que, apesar de conhecer as regras sociais, a criança não as segue, por não ter incorporado ainda os valores sociais. A passagem da anomia para heteronomia ocorre em razão do processo educativo e do sentimento de respeito e amor que a criança devota a seu cuidador. A heteronomia tem como característica o realismo moral, que consiste em analisar as situações pelas consequências, e não pelas intenções, e seguir cegamente uma liderança. Esses aspectos permitem dizer que uma pessoa na heteronomia não adquiriu ainda a consciência do caráter mediador das regras sociais e se comporta de acordo com o que outras pessoas pensam, sendo por isso facilmente manipulada. Na autonomia, cuja socialização é marcada pela cooperação, permitem-se a troca de ideias, o desenvolvimento da noção de democracia e a aquisição da consciência moral pautada pelo bem comum. É esperado, do ponto de vista do desenvolvimento psicológico, que por volta dos quinze anos o indivíduo tenha adquirido tendência à autonomia moral, ou seja, que ele tenha condições de ser governado por si mesmo.

Piaget (1932/1994) apresenta um arcabouço fundamentado da gênese e da evolução da moralidade, estabelecendo diversas relações importantes para a compreensão de tal processo, como as relações sociais, a justiça e as sanções. No momento da anomia, as crianças não seguem regras, pois não existe ainda o sentimento de obrigatoriedade, apesar de haver regularidades e hábitos nos quais se sedimentarão as normas futuras. A evolução desse ponto de desenvolvimento para o subsequente ocorre justamente pelo aparecimento de outro significativo na vida da criança. Desenvolve-se, então, o respeito unilateral, que é a primeira forma de respeito no ser humano, brotando de relações sociais importantes e representativas para a criança, tal como as que se desenvolvem entre filhos e pais. A obediência às regras surge da obediência ao outro, e a criança passa a adotar o sistema de valores utilizado pelos adultos que ela respeita, hierarquizando esses valores conforme observado.

Por conta da natureza do respeito, na heteronomia moral a regra é considerada sagrada e inalterável, fazendo-se justiça quando se obedece à regra e a quem mandou cumpri-la. O lugar da autoridade é privilegiado nesse momento do desenvolvimento, e os deveres ficam sujeitos às regras de quem assume o lugar de liderança; a criança acredita no valor da regra, e o sentimento de obrigação é decorrente do respeito unilateral.

Sabe-se que o desenvolvimento da moralidade é uma possibilidade, e não necessariamente um imperativo de que irá ocorrer, pois, para isso, requer a presença de alguns fatores. Um desses fatores é o aparecimento do respeito mútuo, que surge das relações de cooperação; os outros são o desenvolvimento da razão e o uso da reversibilidade e da abstração, que oferecem instrumentos cognitivos essenciais para o uso da moral. O surgimento da reciprocidade (pode) permite a submissão da regra a essas relações, e os deveres instituídos passam a ser compreendidos como uma dentre várias possibilidades, ou seja, as regras podem ser criadas e alteradas conforme os acordos estabelecidos nas relações cooperativas, visto que o sujeito adquire um regulador interno que concede analisar as ações sociais.

Na autonomia moral, conquistada pela cooperação oriunda das relações sociais, a pessoa adquire a consciência da regra e age de forma a tratar o outro tal como gostaria de ser tratada. Assim, o desenvolvimento moral avança não somente porque o sujeito evolui, mas, acima de tudo, por ter conquistado um método importante de julgamento e de decisão sobre as ações. A crença não está na regra nem no outro, ela é livre, criativa, porém regulada pelo controle mútuo. Há um ganho qualitativo nos julgamentos das faltas morais, avaliadas a partir da intenção da pessoa na

ação, e não mais pelas consequências. Assim, as responsabilidades pelos atos cometidos passam de objetivos para subjetivos. Mas como pensar em desenvolvimento moral autônomo numa sociedade líquida?

4. Vulnerabilidade psicológica

A vulnerabilidade psicológica se estabelece justamente na impossibilidade de se constituírem elementos sólidos que sustentem uma identidade e uma personalidade ética. A baila de valores e a efemeridade das relações impedem a superação da heteronomia moral, afetando a todos em decorrência dos modos de viver e de estabelecer relações sociais, com repercussões que vão desde a fragilidade na constituição psicológica, um desinvestimento afetivo no mundo, o achatamento dos valores sociais e, como consequência, modos de se comportar pautados pelo “enxame”, isto é, só se faz o que todos fazem, típico da heteronomia, permitindo uma manipulação que ora ocorre pela mídia, ora por líderes religiosos, ora por políticos. A capacidade de pensar e de analisar, de ter tomadas de consciência, de decidir pelo que se pensa, não existe numa população cujas características sociais não possibilitaram a emergência de um modo de ser mais autônomo. Bauman (2005) fala do colapso da identidade, seja ela individual, seja ela nacional, em decorrência de um “autismo eletrônico” (CASTELLS, 1999), em que cada vez mais são utilizados meios tecnológicos de comunicação da era pós-moderna, mas cria-se, de maneira anacrônica, isolamento social de tempos já passados.

A heteronomia moral é compreendida por Piaget (1932) como indicador de características de desenvolvimento psicológico pouco apurado, indicando que o ser humano nessa condição não consegue desenvolver uma série de elementos que lhe permita descentrar de si mesmo, analisar e julgar as situações a partir da própria consciência, ou seja, uma pessoa na heteronomia julga pelas aparências, segue aquilo que a maioria considera adequado, sem analisar os porquês de tais comportamentos.

Essa vulnerabilidade psicológica, fruto em parte da contemporaneidade, provoca a constituição de características complexas e muitas vezes patológicas no ser humano. Podem-se citar algumas, a começar pela necessidade e pela sensação de cultivar a eterna juventude, que acaba por ocorrer por meio do “ter e não o ser”. Os produtos de culto ao corpo: academias, cirurgias plásticas, remédios para emagrecer, roupas etc. oferecem a sensação de alcançar um patamar social diferente daquele

dados reais. O parecer inclui também uma exacerbação do narcisismo, fazendo com que cada um sintase senhor de si mesmo. É como se não houvesse a necessidade de outros, ocorrendo uma auto-alimentação de si. Os *selfies* passam a se configurar como referência, pois se tira foto de si mesmo. É um círculo doentio, quanto menos relações significativas se desenvolvem, mas as pessoas necessitam se autoafirmar; mais fotos, mais pseudossabedorias conquistadas ao custo de segundos no Google (BAUMAN, 2016), mais narcisismo, mais depressão, mais suicídios, mais violências doméstica e social. É o resultado direto das biotecnologias e as produções de si (BERNARDES; GUARESCHI, 2007). Mais que isso, como condições sociais pautadas pelo narcisismo e retroalimentadas pelas tecnologias que reforçam o eu, produzem cada vez mais heteronomias e condições psicológicas individuais facilmente manipuláveis.

A vaidade é representativa da contemporaneidade, da aparência, da superficialidade, do vazio. A cultura da vaidade permite a utilização de objetos cultuados pelo sistema capitalista com o objetivo de aumentar a percepção de si pelo outro (LA TAILLE, 2009). Não é a pessoa que tem valor, e sim o carro em que anda ou a bolsa que utiliza. Esses objetos são representativos de valores monetários significativamente altos quando vinculados o seu valor social, e não à sua função. Vive-se uma vida imaginária, em que são mais importantes as celebridades do que as autoridades, a forma mais do que o conteúdo. Esses aspectos são bem explorados pelo marketing: “você é o que você veste”, “o tênis de todas as estrelas” ou, no caso do cartão, “mais pessoas vão”.

A reafirmação dessa juventude permanente é dada pelas músicas que são vendidas sem profundidade nas composições ou na estruturação melódica, que se limitam à infantilização do público, com “refrãos chicletes” e onomatopeias. Outro fator a ser apontado é a venda crescente de jogos, bem como a venda de livros para pintar, ambos produzidos para o público adulto. A infantilização psíquica tem resultados nefastos na maneira como o ser humano enfrenta seus problemas. Crianças brincam e/ou pintam como forma de extravasar e/ou comunicar suas dores emocionais, adultos teoricamente desenvolveram maneiras mais sofisticadas de lidar com a vida psíquica, por meio da linguagem, dos devaneios e da própria razão.

A infantilização e o culto à juventude eterna auxiliam na vulnerabilização emocional da população, produzindo comportamentos compatíveis com isso, ou seja, imaturidade social, incapacidade de manter relações permanentes, fugacidade e falta de investimento em longo prazo, impossibilidade de fazer acontecer ou mudar algo (LA TAILLE, 2006, 2009). Não se constrói uma sociedade sem que haja perspectiva de futuro e compromisso com o bem comum.

A vulnerabilidade psicológica levará as pessoas ao malogro de si mesmas. Já se percebe isso com dados sociais referentes à violência: o Brasil teve mais homicídios em 2017 do que os países em guerra, chegando à marca de sessenta mil mortos (INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA, 2018); ou com dados relativos à saúde: o Brasil aumentou a venda de antidepressivos em 74% nos últimos anos, o segundo medicamento mais vendido por problemas do sistema nervoso; em terceiro lugar estão os ansiolíticos, cujas vendas aumentaram em 110% no país (MORAES, 2017). Some-se a isso o fato de, entre 2010 e 2015, ter havido um aumento de 12% no número de suicídios; somente em 2016, doze mil pessoas se suicidaram no país (MARINHO, 2017).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: a saída do problema

Tanto La Taille (2009) como Bauman (2000) apresentam alternativas para essa situação caótica, descrita como contemporaneidade. La Taille (2009) apresenta que o caminho para converter a sociedade numa cultura de sentido depende do processo educacional, e que por essa via é possível resgatar o sentido da vida. Assim, as escolas podem assumir a função de auxiliar as futuras gerações na construção de sentidos para a vida, “para a construção de ideias e ideais alternativos e que, por outro, dirigirão o planeta, tomarão decisões políticas e criarão as gerações subsequentes” (LA TAILLE, 2009, p. 80).

A educação é então apresentada pelo autor como a possibilidade de reconstrução da boa vida por meio das novas gerações. Esse trabalho educativo deve conseguir instalar a verdade científica como valor e superar uma série de dificuldades que o processo social impõe, como as lacunas no conhecimento, a fragilidade dos instrumentos intelectuais e a ausência de virtudes. Nas três situações, a escola pode e deve interferir sanando dificuldades. Cabe a ela propiciar acesso ao conhecimento através do impulsionamento do uso da cognição que transforma informações fragmentadas e desconectadas, advindas, por exemplo, de pesquisas rápidas na internet, em produção intelectual consciente. Como expõe La Taille (2009), mais do que acessar informações é preciso pensar sobre e produzir novas concepções. A escola, ainda deve constituir um ambiente que permita processos adaptativos geradores de estruturas cognitivas, em outros termos, a inteligência só se desenvolve se ocorrerem relações dialéticas produtoras de novas formas de pensar sobre o mundo; e, por fim, trabalhar o desenvolvimento de virtudes pela via da aprendizagem.

Tem-se, assim, a possibilidade de operações, procedimentos, conhecimento e virtudes, todos eles essenciais tanto para o desenvolvimento de uma cultura de sentido (LA TAILLE, 2009) quanto para a diminuição da vulnerabilidade psicológica e para a constituição de elementos que permitam a apuração da personalidade ética e o alcance da autonomia moral.

La Taille (2009) vai além e chama a atenção para a necessidade de os adultos cuidarem das crianças e as tirarem da cultura do tédio por meio da busca pela verdade histórica, científica, do resgate da memória e do conhecimento; mais que isso, por relações de cooperação que permitam se descentrarem constituindo equipamentos cognitivos. Todos esses aspectos são apresentados como necessário para pensar a “boa vida” e se constituir em ética, num projeto de vida que inclua a si mesmo e os outros.

A análise do plano ético (que vida quer viver?), proposto por La Taille (2009), relaciona-se ao plano moral (como devo agir?). Dessa forma, o plano moral se refere às regras a serem seguidas, e nesse plano La Taille (2009) apresenta a cultura da vaidade como definidora, ou seja, nesse ponto os comportamentos ocorrem pela heteronomia: o ser humano precisa ser reconhecido pelo outro para se sentir percebido. Vive-se o culto aos vencedores e, por conta disso, distancia-se dos deveres morais e se aproxima cada vez mais de práticas de culto à vaidade. Porém, da mesma maneira que propõe a superação da cultura do tédio, La Taille (2009) diz que é possível transformar a cultura da vaidade numa cultura de respeito de si.

Bauman (2000) também aponta saídas para a superação dos problemas da sociedade atual. Em seu livro *Em Busca da Política*, o autor demonstra como a conquista e o aumento das liberdades individuais coincidem com o aumento da impotência coletiva. Sem espaços públicos para ancorar as angústias e transformá-las em causas comuns, a sociabilidade se torna flutuante e sem âncoras, podendo se manifestar de formas explosivas e fugazes, como grandes eventos de caridade ou contra grandes inimigos públicos.

A capacidade política perdida será, para esse autor, alimentada pelo liberalismo econômico, que aceita a cidadania somente pela via do consumismo, o grande gerador do sofrimento humano e do mal-estar da sociedade moderna. A perda da legitimidade da política e dos políticos é apresentada como perigosa para a democracia e para o bem-estar. A ação coletiva depende da política e da capacidade de usar a palavra em prol da coletividade.

A conquista da liberdade individual não culminou com o pensar numa sociedade melhor para todos. Dessa forma, Bauman (2009) apresenta o caminho: a ágora - somente a busca pelos espaços

públicos politicamente administrados e a reconquista política do ser humano poderão auxiliar na constituição do bem público. Apresenta também todos os problemas na tentativa de recriá-la, entre eles o conformismo, fruto das mudanças de governo, tanto de direita quanto de esquerda, que consistem sempre na mesma política liberal, provocando a descrença e a incerteza do futuro. Para o autor, esse processo gera um círculo, a insegurança faz com que cada um se volte para si mesmo e não se arrisque na ação coletiva, até pela incerteza de seus resultados.

Bauman (2000) alerta que é muito fácil apontar problemas, mas se arrisca a dizer que o caminho é a busca pela política, com todas as prerrogativas que ela pode oferecer, e que o percurso da liberdade individual somente pode ser conquistado por intermédio da coletividade. A coletividade representa um fator social preponderante para a cooperação e, conseqüentemente, para o desenvolvimento da moralidade autônoma.

É interessante observar que tanto La Taille (2009) quanto Bauman (2000) apresentam saídas que buscam por relações sociais cooperativas e guiadas pelo bem comum. O primeiro pela via da educação e o segundo pela constituição de espaços públicos que permitam o encontro entre aquilo que é individual com aquilo que é coletivo. Tem-se que ressaltar que, numa sociedade com tantos problemas, as saídas aparecem de formas variadas, como, por exemplo, pela busca por “peregrinos” (compreendidos como aqueles que tentam dar sentido à própria vida) insatisfeitos com as condições do mundo, por idealistas ou utópicos ou até por aqueles que, sem saber, concluem por procurar outras formas de viver pelo fato de a vida ter lhes negado condições adequadas de sobrevivência. A única saída para a diminuição da vulnerabilidade psicológica, de acordo com os autores que foram expostos, é a busca pela coletividade, único veículo capaz de propiciar condições de superação das dificuldades sociais e psíquicas impostas pelo mundo líquido. Posto que, a vida coletiva impõe dialeticamente ajustes da cognição e do desenvolvimento moral propiciando a superação da vulnerabilidade psicológica em função do amadurecimento das estruturas psíquicas.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES. **Dados**. Disponível em: <<http://www.anatel.gov.br/dados/>>. Acesso em: 06 maio 2018.

BIRMAN, Joel. **O trauma na pandemia do coronavírus**: Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução Mauro Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. **Cegueira Moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.

BAUMAN, Zygmunt; MAURO, Ezio. **Babel: entre a incerteza e a esperança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2016.

BERNARDES, Ana G.; GUARESCHI, Neuza. Estratégias de produção de si e de biotecnologias. **Psicologia em Estudo**, v. 12, n. 1, p. 151-159, jan./abr. 2007.

BIAGGIO, Angela M. B. **Lawrence Kohlberg: ética e educação moral**. São Paulo: Moderna, 2002.

CARDOSO, T. F. L. Sociedade e Desenvolvimento Tecnológico: uma abordagem histórica. In: GRINSPUN, M. P. S. Z. (Org.). **Educação Tecnológica: desafios e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 183-225.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (A Era da Informação: economia, sociedade e cultura, v. 2).

DAGNINO, Renato. **Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia & Política de Ciência e Tecnologia: alternativas para uma nova América Latina**. Campina Grande: EDUPB, 2010.

D'AUREA-TARDELI, Denise. **A manifestação da solidariedade em adolescentes: um estudo da personalidade moral**. 2006. 254f. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento

Humano) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

FREITAS, Lia. Piaget e a consciência moral: um kantismo evolutivo? **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 15, n. 2, p. 303-8, 2002.

FREITAS, Lia. **A moral na obra de Jean Piaget**: um projeto inacabado. São Paulo: Cortez, 2003.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **IPEA -Atlas da violência no Brasil**, 2018. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/>. Acesso em 10/02/2019.

LA TAILLE, Yves. **Moral e ética**: dimensões intelectuais e afetivas. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LA TAILLE, Yves. **Formação ética**: do tédio ao respeito de si. Porto Alegre: Artmed, 2009.

LIMA FILHO, Domingos L.; QUELUZ, Gilson L. A tecnologia e a educação tecnológica: elementos para uma sistematização conceitual. **Educação & Tecnologia**, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 19-28, jan./jun. 2005.

MORAES, Ana L. **Consumo de antidepressivos cresce 74% em seis anos no Brasil**. 2017. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/mente-saudavel/consumo-de-antidepressivos-cresce-74-em-seis-anos-no-brasil/>. Acesso em: 23 set. 2018.

NOVAES, Henrique; DAGNINO, Renato. O fetiche da tecnologia. **Revista Org. & Demo**, v. 5, n. 2, p. 189-210, 2004.

OLIVEIRA, Felipe. Facebook chega a 127 milhões de usuários mensais no Brasil: no país, rede social tem mais usuários ativos do que WhatsApp. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 18 jul. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/tec/2018/07/facebook-chega-a-127-milhoes-de-usuarios-mensais-no-brasil.shtml>. Acesso em: 19 set. 2018.

OLIVER, Ruben G. Cultura e Modernidade no Brasil. **São Paulo Perspectiva**, v. 15, n. 2, p. 3-12, abr./jun. 2001.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **OMS registra aumento de casos de depressão**; no Brasil são 11,5 milhões de pessoas. 2017. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/oms-registra-aumento-de-casos-de-depressao-em-todo-o-mundo-no-brasil-sao-115-milhoes-de-pessoas/>. Acesso em: 23 set. 2018.

PIAGET, Jean. **Epistemologia Genética**. Rio de Janeiro: Vozes, 1970/1972.



PIAGET, Jean INHELDER, Barbel. **Psicologia da Criança**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1966/1993.

PIAGET, Jean. **O Juízo Moral na Criança**. São Paulo: Summus, 1932/1994.

RETONDAR, Anderson M. A (re)construção do indivíduo: a sociedade de consumo como “contexto social” de produção de subjetividades. **Sociedade e estado**, v. 23, n. 1, p. 137-160, 2008.

SILVA, José C. T. Tecnologia: conceitos e dimensões. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 22., 2002, Curitiba. **Anais...** Curitiba, 2002. Disponível em: <http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2002_tr80_0357.pdf>. Acesso em: 19 set. 2018.

SILVEIRA, Rosemeri M. C. F.; BAZZO, Walter A. Ciência e Tecnologia: transformando a relação do ser humano com o mundo. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR, 19., 2005, Ponta Grossa. **Anais...** Ponta Grossa, 2005. Disponível em: <<http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais9/artigos/workshop/art19.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2018.

TOGNETTA, Luciene R. P. **Perspectiva ética e generosidade**. São Paulo: Mercado de Letras, 2009.

VERASZTO, E. V. **Projeto Teckids: Educação Tecnológica no Ensino Fundamental**. 2004. 184f. Dissertação (Mestrado em Educação, Ciência e Tecnologia) -Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

VERASZTO, Estéfano V. *et al.* Tecnologia: buscando uma definição para o conceito. **Revista Prisma**, n. 7, p. 60-95, 2008. Disponível em: <<http://ojs.letras.up.pt/index.php/prismacom/article/viewFile/2078/1913>>. Acesso em: 19 set. 2018.